

# Que política econômica é essa?

CESAR MAIA

Prefeito do Rio de Janeiro

**A**estabilidade monetária é socialmente fundamental, mas politicamente irrelevante. O que parece paradoxal é, na verdade, o caminho seguido pelos países desenvolvidos. O fato de ser fundamental para a sociedade — seja para preservar o valor da renda ou do patrimônio das pessoas e empresas — levou aqueles países a retirar da órbita política a gestão e a defesa da moeda. É o caso da Reserva Federal, nos Estados Unidos, ou do Banco Central Europeu junto aos bancos centrais dos países que compõem a Comunidade Européia, com os quais se articula e cujo melhor exemplo é o alemão.

A partir desse ponto, a estabilidade monetária passou a ser politicamente irrelevante na medida em que seus gestores não são escolhidos pelo voto popular e não têm como foco a melhoria de vida das pessoas. Dessa forma, cabe ao poder político criar condições, instrumentos e implementar as ações que promovam o desenvolvimento, que busquem reduzir as desigualdades e que tenham como objetivo o bem-estar crescente da população. É a isso que se deve chamar de política econômica. Ao fazermos isso de forma irresponsável, pressionando a moeda, a gestão independente da mesma introduzirá medidas obstrutivas e, com isso, impedirá que se use a desestabilização como caminho.

Essa preliminar nos permite analisar melhor a política econômica do governo do presidente Lula. Todos têm lido e ouvido os au-

to-elogios que se faz o governo e quantas vezes isso é multiplicado por uma leitura superficial dos fatos. Há alguns dias, o ex-presidente Cardoso dizia que a economia brasileira flutua ao sabor das oscilações internacionais. Ele não deveria ter razão, mas nesse caso tem. Os indicadores agitados pela propaganda oficial ocultam o fato de que, simplesmente, acompanham os mesmos indicadores das economias chamadas emergentes. Um deles é o nível internacional de risco, que está hoje em quase 400 pontos, muito abaixo de dois ou três anos atrás.

O que faltou dizer é que todas — rigorosamente todas — as economias emergentes viveram esse mesmíssimo movimento. E, se dividirmos em três pelotões — superior, médio e inferior —, a queda brasileira fica no pelotão do meio. Da mesma forma os resultados dos balanços comerciais, que, devido à desvalorização relativa do dólar e à valorização dos preços dos produtos primários e básicos, terminou melhorando a posição de praticamente todas as economias. E também o crescimento econômico, que foi geral tanto no primeiro como no terceiro mundo. Aqui ao lado, o Uruguai está crescendo a taxa de 12%, a Argentina a 8%, e a Venezuela — de Chávez —, beneficiando-se do petróleo, está crescendo a 18%. Ou seja, estamos sendo empurrados pelos mesmos ventos. Só que, aqui, isso é feito de forma regressiva, jogando pela janela essa oportunidade.

O governo federal se concentra naquilo que é politicamente irrelevante, ou seja, naquilo que deveria ser preocupação de um banco central independente. E apre-

senta isso como um sucesso de política econômica. Definitivamente, não é. É como se os ministérios da Fazenda, do Planejamento e a diretoria do Banco Central constituíssem um só organismo, politicamente irrelevante, que cumprisse a função de um banco central independente. E mais: faz crer à população que o crescimento econômico é um simples desdobramento da estabilidade da moeda.

Vale a pena ver o que tem acontecido com o Japão nos últimos 15 anos: sem inflação, sem crescimento sustentado. Mas, para o governo de Lula, é assim. Sendo assim, o que de fato ocorre é uma reposição atrasada dos bens duráveis de consumo pelos setores de maior renda e um ajuste, na margem, de bens de capital. Leia os números do crescimento por dentro e comprove. Ou seja, não passa de mera adaptação, nos mesmos termos, da mesma economia.

Se, a partir do último trimestre de 2004, a economia ficar parada — crescimento zero, como dizem os economistas —, a comparação dos valores médios entre 2005 e 2004 dará um crescimento estatístico de uns 3%. A propaganda oficial se encarregará dos mesmos auto-elogios. E nada estará acontecendo com a economia, menos ainda com a população. Trocando em miúdos, a política econômica continuará circunscrita à moeda e, portanto, continuará politicamente irrelevante. Nenhum impacto na qualidade de vida estará sendo produzido. O governo de Lula já está nos fazendo lembrar da máxima do ex-presidente Figueiredo: a economia... vai bem, mas o povo... vai mal.